



**MANIFESTO 'PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O REPOVOAMENTO'**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO RURAL SÉCULO**  
**XXI**

**Cortes de la Frontera (Málaga) 4-6 abril, 2024**

## MANIFESTO 'PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O REPOVOAMENTO'

Mais de 150 pessoas de todo o país, com a participação de experiências de Honduras, Argentina, Chile, Brasil, Filipinas, Camarões, Colômbia e Guatemala, realizaram em Cortes de la Frontera (Málaga) o I Congresso Internacional de Educação Rural com o lema 'Pela educação do campo para o repovoamento'<sup>1</sup> com o objetivo de refletir a partir de uma perspectiva crítica sobre a situação de sobrevivência em que se encontra o meio rural, aprofundando causas socioeducativas, culturais e político-econômicas.

É claro que estamos diante de uma situação de alarme sobre a sobrevivência da espécie humana no planeta. De acordo com todos os estudos científicos recentes e os acordos internacionais no campo das mudanças climáticas, se não houver uma correção radical do curso produtivo nas relações homem-natureza, a ameaça de colapso ecológico e ecocídio aumentará consideravelmente a ponto de se tornar irreversível<sup>2</sup>. Isto significa um compromisso claro de se envolver na luta contra as alterações climáticas, na transição ecológica e em superar as disfunções causadas pela industrialização e pela concentração urbana. De acordo com este postulado, as entidades e pessoas que participam deste Congresso desejam afirmar o seguinte:

**1. Vemos, com razão, que foram iniciadas as primeiras políticas de Transição Ecológica e Desafio Demográfico**, com inúmeros programas das diferentes administrações públicas estatais, europeias, regionais e municipais, mas consideramos que não são suficientes. A própria UNESCO tem trabalhado em prol da 'Educação de mudança para a transformação social e o desenvolvimento sustentável', com especial atenção às mudanças climáticas, propondo novas abordagens curriculares de ensino/aprendizagem a partir do conceito de 'Escolas Verdes', como centros de inovação para o território.

**2. Cultivar a paz entre os povos.** Como agentes da educação, não podemos nos sentir à margem dos vários conflitos armados que estão ocorrendo na forma de uma luta pelo controle político, econômico e cultural das fronteiras, com a população civil como protagonista infeliz na forma de abusos, deslocamentos em massa, genocídios, etc. A partir do nosso campo, devemos trabalhar em uma educação crítica de valores que tenha a cultura da paz no centro de seus objetivos.

**3. A necessária e urgente mudança nas políticas públicas**, introduzindo estratégias de desenvolvimento rural que visem regenerar uma nova economia para as aldeias, especialmente aquelas que afetam os campos educacional e de formação e a promoção de iniciativas sociais que possam reverter o sangramento populacional, cultural e econômico. Mudanças que não vêm, como até agora, arranjadas por uma tecnocracia alheia à realidade rural e que contam com a percepção e participação das populações e seus saberes locais.

As políticas e a administração pública devem estar ao serviço das comunidades rurais e não o contrário, como é o caso. Devem ter como objetivo melhorar as condições de acesso à vida socioproductiva para a fixação da população local e a chegada de novos colonos: incentivos e tributação, acesso à habitação, serviços públicos, energias alternativas, transformação agroalimentar, ordenamento do território e novas abordagens para a 'conservação cultural da natureza'.

Em suma, o manejo agroflorestal e pecuário a partir da abordagem da agroecologia, da produção em pequena escala e da prestação de serviços ecossistêmicos.

**4. Uma nova relação com a natureza e a união social para desacelerar as mudanças climáticas.** O meio rural é o espaço nutritivo dos fundamentos da vida em geral e da cidade em particular: ar, água, alimentos, energia, materiais, trabalho...; sem populações ativas nos povoados ou aldeias, sua gestão socioeconômica e cultural ficaria órfã – como está acontecendo – colocando em risco o futuro das gerações futuras. A nova educação deve considerar esse fato como fonte de conhecimento por tudo o que nos traz, pelo imenso e diversificado recurso pedagógico de sabedoria idiossincrática de cada território. Uma educação que nos ajude a ter consciência da nossa ecodependência da natureza e da necessidade predominante de um compromisso de cuidado e amor pela terra que nos acolhe e nutre.

A ciência agroecológica tem mostrado nas últimas décadas que o modelo de gestão da terra da cultura camponês-rural de ordem familiar, atrelado a uma relação de proximidade em suas interações e a tecnologias de baixo impacto ambiental, retarda as mudanças climáticas diante do modelo agroindustrial e tóxico predominante. Devemos passar de uma visão arcaica estritamente

<sup>1</sup> Organizado pelo Grupo de Investigación PROCIE-Universidad de Málaga, a Confederación de Centros de Desarrollo Rural (COCEDER), os Colectivos de Acción Solidaria (CAS), o Instituto Paulo Freire España, a Universidad Rural P. Freire Serranía de Ronda-CDR Montaña y Desarrollo; e a colaboração do Ayuntamiento de Cortes de la Frontera, do Consejo Provincial de Málaga e da Revista Soberanía Alimentaria, Biodiversidad y Culturas.

<sup>2</sup> Nesta linha está a Agenda das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (2015-2030), foram articulados os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Pacto Ecológico Europeu (2020).

antropocêntrica para uma nova que nos leve a nos sentirmos integrados à natureza, pois somos organismos vivos, assim como aqueles que nos rodeiam. Uma nova cultura que não insiste na manipulação indiscriminada do meio ambiente, mas na troca consciente, sensível e protetora.

**5. Recuperação da vida rural comunitária: cuidado, proteção e afeto mútuo.** A educação deve contribuir para a construção de uma sociedade que coloque a vida no centro, a de todas as pessoas, incluindo todos os seres vivos e espaços que nos determinam. Por isso, entendemos que a comunidade é o quadro ideal para o desenvolvimento das capacidades sociais, da aceitação de si mesmo e dos outros. Isso ajuda a promover a ajuda mútua e a capacidade de doação, destacando a importância dos vínculos e do afeto. A comunidade rural deve regenerar-se a partir da sua origem substancial, como semente de relações, como espaço essencial de aprendizagem, onde podemos partilhar, conhecer, valorizar o conhecimento de todos e onde podemos construir propostas comuns para o futuro.

É necessário ter uma economia para as pequenas cidades que, em primeiro lugar, recupere, reabilite, atualize e modernize de forma integral e integrada o seu Sistema Agroecológico Local (SIAL)<sup>3</sup> e a sua economia histórica, original e genuína vinculada ao uso sustentável dos seus recursos naturais; em segundo lugar, incorpore de forma complementar novas opções e atividades económicas de outros setores que diversifiquem a sua base socioeconómica. e contribuem para aumentar a demografia e tornar a estrutura social da comunidade mais complexa, coesa, variada e rica. Sobre essas duas bases económicas, a histórica agroecológica e a recém-diversificada e complementar, a nova ordem económica e a nova comunidade de bem-estar na aldeia ou povoado devem ser construídas, regenerando as relações rural-urbanas a partir desse contexto.

**6. Uma nova visão do currículo educacional: programas educacionais que levam em conta o conhecimento do território.**

Uma nova "perspectiva rural" deve ser aberta no desenvolvimento de conteúdos e metodologias dentro do sistema educacional, bem como em estratégias de educação não formal. Somos comunidades educadoras, estamos onde a vida é gerada e regenerada; temos muito a contribuir para construir outras relações com as pessoas como iguais, e assim recuperar o valor do comum e do contato com a natureza. Algo tão necessário e curativo, as relações lentas, a escuta ativa dos idosos e as relações intergeracionais insubstituíveis que nos ensinam aprendizagens adaptadas aos territórios. Um currículo básico assente em valores democráticos, que inclua a realidade das diferentes geografias e especificidades das zonas rurais; e aberto, que permite, levando em consideração o exposto, a definição concreta das linhas de trabalho e metodologia para cada comunidade educativa. O ideal seria a reprogramação de um currículo para todo o sistema educativo e, em particular, para o campo, no qual a «perspetiva rural» é incorporada como elemento transversal do conteúdo. Até agora, a visão que aparece nele é projetada a partir de orçamentos urbanos, onde esse contexto social ocupa um lugar marginal. Em complemento, iria introduzir processos de aprendizagem vinculados a serviços à comunidade rural tanto voltados para os alunos, quanto para equipes docentes e associações de famílias de alunos, com o objetivo de focar propostas de mudança social da realidade. Essas dinâmicas nos permitem trabalhar a identidade local com a problematização das necessidades reais. Paulo Freire dizia que "a educação era um ato de amor e, portanto, um ato de coragem".

**7. A organização educativa e a formação de professores a partir de uma ética rural e ambiental.** As escolas estão fechadas porque não há crianças, não seria melhor abrir as escolas para que haja? Essa premissa é essencial. Tendo em conta que o critério da rentabilidade monetária dos serviços educativos nesta área nunca deve ser um obstáculo, como é o caso do mundo urbano. Essa nova visão política e económica implica que as estratégias educacionais não dependem de um cálculo contábil da relação população/voto nas urnas. Isso implica uma regeneração e reorientação do financiamento de políticas, levando em conta a pesquisa educacional de natureza qualitativa e participativa, sobre a práxis que já está nos territórios, abrindo novos campos de experimentação.

Os professores afetos a este contexto encontram-se, na sua maioria, de passagem, desconhecem a realidade territorial e, por isso, é complexo conseguir implementar projetos educativos com identidade própria e adaptados. A formação docente deve incluir um perfil profissional específico que inclua conhecimentos e formação para abordar a realidade das escolas rurais (salas multisseriadas, diversidade, metodologias e ferramentas educacionais). Uma formação que transmite a importância essencial de conhecer os alunos na sua individualidade e também como parte da família, da comunidade e do contexto camponês-rural de onde provêm e ao qual pertencem. Promover a necessária intermediação entre o conhecimento científico e o saber popular. A aprendizagem deve trazer prazer, entusiasmo, alegria e amor, educação em valores, 'saber, saber ser e saber estar; todos nós educamos e somos educados'.

**8. Educação não formal, educomunicação e educação continuada.** A educação não se limita ao ambiente escolar ou académico, ela vai além desse sistema e está vinculada e integrada à vida, no que conhecemos como educação ao longo da vida (educação permanente-ampliada). É necessário rever, localizar e conhecer outras experiências de educação do campo, que

<sup>3</sup> No nosso caso, entendemos o Sistema Agroecológico Local (SIAL) como o uso regular, ordenado, cíclico e interdependente de todos os recursos naturais locais, tanto domésticos quanto silvestres, por meio da manutenção de processos ecológicos e agroecológicos derivados dos usos agrícolas, pecuários, florestais e cinegéticos e do manejo do território.

são desenvolvidas nesse contexto por meio de outras entidades profissionais e sociais do território, repletas de riquezas de aprendizado. Regenerar ofertas formativas com uma perspectiva crítica para o dinamismo do mundo rural, explorando fora e em interação com os quadros acadêmicos e articulando-se com as políticas de desenvolvimento rural. Por outro lado, a literacia digital e audiovisual é uma necessidade predominante na chamada «sociedade da informação e do conhecimento». O surgimento de novas tecnologias, valores e o surgimento de processos de mudança cultural significam que, em termos gerais, podemos considerar que estamos na transição da ordem trazida pela industrialização para novos modelos de geração econômica e modos de vida.

As ferramentas telemáticas abrem novas possibilidades para a desconcentração de trabalhadores de grandes empresas e administrações públicas condensadas nas cidades; Além das tecnologias disponíveis para produzir energia renovável localmente, novas empresas ligadas ao uso de recursos ou reciclagem, inovação e responsabilidade social e ambiental corporativa, alimentos locais... Constituem um conjunto de oportunidades e valores que são colocados à disposição das pequenas cidades para que possam reorganizar seu próprio modelo de desenvolvimento local. A criatividade social e a cultura da iniciativa social e empresarial multiplicam-se, assim. Viver é um fazer e empreender permanente a partir dos mecanismos de adaptação ao entorno e reinvenção.

**9. A dimensão sociocultural.** A educação deve sustentar os processos socioeconômicos na perspectiva do desenvolvimento endógeno e comunitário, como identidade de um povo capaz de pensar, decidir e agir. Uma cultura criada a partir da vida cotidiana, do reconhecimento do que é nosso, do nosso conhecimento que nossos ancestrais nos legaram; bem como o reconhecimento de outras culturas, sabedorias e criações do resto dos povos do mundo. Atendendo especificamente ao resgate da racionalidade ecológica do conhecimento camponês (memória biocultural), que a ciência agroecológica tem se mostrado válida para uma gestão eficiente e sustentável no combate às mudanças climáticas (agricultura familiar). Tendo como horizonte a práxis da Soberania Alimentar dos povos, onde prevalece a valorização da arte alimentar como direito à saúde humana com práticas agrônômicas que retardam as mudanças climáticas; e não como um negócio agroindustrial em escala global, onde prevalecem o controle de alimentos e a alta toxicidade nas emissões de carbono na atmosfera. Bem como o exercício da igualdade e da justiça em todos os seus contextos (paz, etnias, gênero, direitos trabalhistas, imigração...).

Aldeias e vilas têm muito tempo de vida, o sangramento do despovoamento é um sintoma de doença orgânica. Se não houver um processo emergente de transição de uma cultura hegemônica centrada na cidade para um modelo cultural e político consciente do fator essencial da vida e do ambiente rural para o sustento da população humana -a arte da alimentação (agri-Cultura), os valores comunitários da sociedade camponesa-rural e a elaboração de novas relações rural-urbanas a partir do valor da terra e da ética ecológica-, que está em jogo não é apenas a sobrevivência do contexto rural, mas da sociedade em geral.

**10. Da ilha ao arquipélago: a força humana da rede social.** Nos últimos dias, ouvimos vozes que expressam a degradação demográfica e sociocultural e a necessidade de uma rede de diferentes particularidades. Em diferentes partes do mundo, temos desafios e necessidades semelhantes. Se algo ficou claro para nós, é o enorme potencial pedagógico dos ambientes rurais, e é preciso acreditar neles: as pessoas que vivem nas aldeias, as equipes de ensino e as administrações públicas que devem se esforçar para estar à frente dos tempos. Temos que estar conscientes da força e do conhecimento para lutar por um novo modelo educacional que seja mais aberto e conectado à comunidade, mais livre, como disse Maria Montessori: 'devemos sacudir a vida e deixá-la livre para se desenvolver'.

Somente a partir da criação de vínculos humanos entre as próprias comunidades rurais e entre os territórios a partir de uma visão internacional (local-global), poderemos continuar pressionando por uma consciência pessoal e coletiva para enfrentar outro modelo de desenvolvimento menos agressivo e mais alinhado com as necessidades ecológicas, a justiça e a equidade social.

Cortes de la Frontera, 6 de abril de 2024